

ANÁLISE DO CONHECIMENTO SOBRE DISLEXIA DOS PROFESSORES DO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DE CINCO CIDADES DO SERTÃO PARAÍBANO

Ana Carolina Alves de Freitas Correia¹
Josealdo Lopes Dias²

1. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; 2. Prof. Dr. da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

RESUMO

A dislexia é um transtorno da leitura, portanto, um déficit linguístico que dificulta a aprendizagem de leitura, escrita, soletração e decodificação das palavras. Estima-se que entre 10 a 17% da população escolar brasileira apresentem este tipo de dificuldade, possuindo os fatores genéticos como principal causa e é uma das responsáveis pelo fracasso escolar, trazendo consequências na área social, afetiva e cognitiva do educando. Nesse sentido, o quanto antes à criança disléxica for identificada, diagnosticada e intervinda, mais condições de superação ela terá. Sendo assim, torna-se relevante avaliar a percepção que os educadores possuem com relação a esse distúrbio tão recorrente que é a Dislexia e fornecer informações necessárias para um melhor conhecimento a respeito deste tema, suas manifestações e diferentes maneiras de se trabalhar com estas crianças. Este estudo foi realizado em cinco escolas municipais da cidade de Campina Grande – PB e em um curso de aperfeiçoamento em educação, onde se encontravam presente professores das cidades de Conceição, Igaracy, Diamante, Piancó e Itaporanga - Pb. A amostra foi composta por 108 professores, sendo 54 de Campina Grande e os outros 54 das diferentes cidades do Sertão Paraibano, onde os mesmos foram submetidos à aplicação de um questionário objetivo contendo 8 questões referente a temática Dislexia. Os resultados obtidos estão relacionados com a média das respostas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão e o nível de significância entre elas. Para o nível de significância pôde ser observado que as respostas referentes às questões 3, 4, 6 e 7 houveram diferenças consideráveis quando comparadas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão, onde o nível de significância para as questões 3 e 4 foram de 0,015 e para as questões 6 e 7 foram de 0,003, levando-se em consideração $p < 0,05$. Apesar das divergências obtidas, principalmente nas questões 3, 4, 6 e 7, ambos os grupos de modo geral apresentaram percepções semelhantes com relação ao ensino aos portadores da Dislexia. Apresentando com aproximadamente 57% da amostra total de professores do ensino fundamental I como medianos quanto ao seu nível de conhecimento sobre a dislexia. Como essa pesquisa não é conclusiva ainda se permite mais estudos na área das Dificuldades de Aprendizagem e em especial a Dislexia.

Palavras-chave: Dificuldade de Aprendizagem; Dislexia; Professores.

INTRODUÇÃO

A dislexia é considerada uma disfunção do Sistema Nervoso Central, que compromete a aquisição e o desenvolvimento das habilidades escolares,

tendo como critérios de exclusão o rebaixamento intelectual, déficits sensoriais (visual, auditivo), déficits motores significativos, em condições supostamente adequadas de aprendizagem e ausência de problemas psicossociais. (ARTIGAS, 2009).

A hipótese sobre os fatores genéticos serem uma das causas de dislexia de desenvolvimento, já é antiga. Ramus (2006) aponta que as causas das malformações no cérebro disléxico permaneceram obscuras até os quatro genes DYXC1, KIAA0319, DCDC2 e ROBO1 serem encontrados. Contudo os fatores genéticos, isoladamente, não determinam o indivíduo, uma vez que interagem com todos os fatores não-genéticos (bioquímicos, trauma familiar, educacional, social).

Segundo Zorzi (2010), a dislexia é um dos responsáveis pelo fracasso escolar e traz consequências na área social, afetiva e cognitiva do educando. Nesse sentido, o quanto antes à criança disléxica for identificada, diagnosticada e tratada, mais condições de superação ela terá.

Sendo assim, torna-se relevante avaliar a percepção que os educadores possuem com relação a essa dificuldade tão recorrente que é a Dislexia e fornecer informações necessárias para um melhor conhecimento sobre a Dislexia, suas manifestações e diferentes maneiras de se trabalhar com estas crianças.

OBJETIVO

O objetivo desse estudo foi avaliar a percepção dos professores do ensino fundamental I de diferentes cidades da Paraíba sobre a temática Dislexia.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como sendo descritiva, exploratória e de caráter transversal, apresentando uma abordagem quantitativa, possuindo como finalidade a descrição de determinadas características da população através de dados estatísticos.

A pesquisa foi realizada em cinco escolas municipais da cidade de Campina Grande – PB e em um curso de aperfeiçoamento em Educação, onde se encontravam presente professores das cidades de Conceição, Igaracy,

Diamante, Piancó e Itaporanga – Pb. A sua realização se deu entre os meses de Agosto de 2011 a Julho de 2012.

A amostra foi composta por 108 professores, sendo 54 de Campina Grande e os outros 54 das diferentes cidades do Sertão Paraibano, onde os mesmo foram submetidos à aplicação de um questionário objetivo contendo 8 questões referente a temática Dislexia.

Após a coleta dos dados, estes foram armazenados e posteriormente analisados, buscando verificar os níveis de significância entre as variáveis dependentes, levando-se em consideração que $p < 0,05$ e a média entre o grupo de professores da cidade de Campina Grande e o Grupo de professores das cidades do Sertão do estado. Assim, a análise estatística foi realizada utilizando-se o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 17.0 e a ferramentas de análise estatística do Microsoft Excel.

O estudo foi previamente submetido à avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEPB, obtendo parecer favorável para o seu desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos através dos professores que responderam os questionários estão relacionados com a média de suas respostas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão e o nível de significância entre elas.

Para o nível de significância pôde ser observado que as respostas referentes às questões 3, 4, 6 e 7 houveram diferenças consideráveis quando comparadas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão, onde o nível de significância para as questões 3 e 4 foram de 0,015 e para as questões 6 e 7 foram de 0,003, levando-se em consideração $p < 0,05$, conforme mostra a Tabela 1.

Assim, podemos verificar que dentre as 8 questões em 4 houveram divergências de respostas entre os grupos analisados, mostrando dessa forma percepções diferentes principalmente quando questionados a respeito das formas de intervenções ao ensino destas crianças.

Ao analisar as questões isoladamente foi possível de forma mais clara observar os resultados já descritos anteriormente. Dessa forma, as questões mostraram-se da seguinte forma:

NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA

	Soma dos Quadrados	df	Média dos Quadrados	F	Sig.
Q1					
Entre os Grupos	0.148	1	0.148	1.165	0.283
Dentro dos Grupos	13.481	106	0.127		
Total	13.630	107	----		
Q2					
Entre os Grupos	0.009	1	0.009	0.054	0.816
Dentro dos Grupos	18.093	106	0.171		
Total	18.102	107	----		
Q3					
Entre os Grupos	0.454	1	0.454	6.169	0.015
Dentro dos Grupos	7.796	106	0.074		
Total	8.250	107	----		
Q4					
Entre os Grupos	0.454	1	0.454	6.169	0.015
Dentro dos Grupos	7.796	106	0.074		
Total	8.250	107	----		
Q5					
Entre os Grupos	0.083	1	0.083	1.367	0.245
Dentro dos Grupos	6.463	106	0.061		
Total	6.546	107	----		
Q6					
Entre os Grupos	1.815	1	1.815	8.955	0.003
Dentro dos Grupos	21.481	106	0.203		
Total	23.296	107	----		
Q7					
Entre os Grupos	0.593	1	0.593	9.217	0.003
Dentro dos Grupos	6.815	106	0.064		
Total	7.407	107	----		
Q8					
Entre os Grupos	0.148	1	0.148	0.515	0.475
Dentro dos Grupos	30.519	106	0.288		
Total	30.667	107	----		

Tabela 1 – Nível de significância entre as respostas das cidades.

Na primeira questão aplicada aos professores observa-se que os dois grupos avaliados obtiveram resultados aproximados, não havendo, portanto diferença significativa de suas respostas, onde a maior porcentagem afirma que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem.

Corroborando com esta pesquisa o estudo realizado por Estrela (2009) mostra resultados semelhantes ao deste estudo, onde os professores do 1º ciclo do Ensino Básico que foram submetidos a um questionamento relativo ao conceito de dislexia mostraram que 43,3% dos professores consideravam a dislexia como uma deficiência e 56,7% a consideraram como uma disfunção neurológica.

A segunda questão também mostrou resultados aproximados entre os dois grupos analisados, dessa forma não apresentando nível de significância entre as variáveis. Neste aspecto grande parte dos professores afirma que a dislexia possui outras alterações além da leitura e da escrita.

Fawcett e Nicolson (1999) constataram que crianças disléxicas apresentam um baixo nível de habilidade motora, apresentando padrões de movimentos com desempenho inferior à observada para crianças não disléxicas. Esses autores sugeriram que tal comprometimento motor estaria relacionado a possíveis déficits de integração sensorial-motora no cerebelo. Resultados similares foram observados quando outras habilidades motoras foram analisadas.

Observa-se na terceira questão que os grupos avaliados possuíram uma maior divergência em suas opiniões, tornando significativa esta variação.

Sendo possível destacar que 15% da amostra referentes às cidades do Sertão acreditam que a causa da dislexia está ligada com a baixa qualidade do ensino escolar contra os 2% da cidade de Campina Grande que também acreditam.

No estudo realizado por Stern (2010) foi possível observar que a escolarização inapropriada causou nos alunos disléxicos diversas complicações de cunho psicológico tais como dificuldade de falar em público e de se impor perante um grupo. Estas complicações afetam visivelmente sua interação com as pessoas. Contudo, as dificuldades decorrentes da dislexia foram superadas ou estão caminhando para isto.

Na quarta questão também houve uma variação significativa entre os resultados encontrados na cidade de Campina Grande e nas cidades do Sertão, aonde é percebido que dentre a amostra da cidade de Campina Grande 98% afirmam que em sua formação acadêmica não houve o desenvolvimento da competência para se trabalhar com crianças disléxicas, enquanto que nas cidades do Sertão este índice é menor, representado por 85% da amostra.

Resultados semelhantes foram obtidos no trabalho desenvolvido por Richart (2009), onde a mesma encontrou após análise quantitativa realizada por meio de questionários para os professores, que a escola em que foi desenvolvido o estudo ainda não está preparada para trabalhar adequadamente com o aluno disléxico, com possíveis sintomas de dislexia ou que apresentem outra dificuldade de aprendizagem, uma vez que os professores alegaram que não tiveram uma formação acadêmica para trabalhar com estes alunos.

Entre as respostas observadas em ambos os grupos na quinta questão é observável que não ocorreu grandes alterações nas variáveis, não sendo significativa esta diferença entre as respostas encontradas. Desta forma, mais de 90% dos professores declaram não haver estrutura didático-pedagógica para se trabalhar com a criança disléxica no ambiente escolar onde estão atuando.

Fortuna (2001) afirma que brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras, assim o disléxico

que era antes considerado desleixado, preguiçoso, mal alfabetizado, desinteressado e de baixa inteligência torna-se agora uma criança operativa.

Na sexta questão observa-se uma disparidade nas variáveis analisadas, tornado estatisticamente relevante esta variação. Porém, apesar da discrepância ocorrida na comparação dos resultados nos dois grupos em ambos a maior porcentagem de professores acreditam que o ensino as crianças disléxicas devem ser realizado em escolas/instituições especializadas em distúrbios de aprendizagem.

De acordo com Titoni (2010) não é necessário que os alunos disléxicos fiquem em classe especial, pois eles têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles, e essa troca de humores e saberes além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade entre eles.

A sétima questão apresentou alterações significativas na análise dos dados entre os dois grupos estudados, mostrando que 15% da amostra das cidades do Sertão não acreditam que a dislexia possa ser trabalhada através de uma intervenção multiprofissional.

Em relação ao tipo de intervenção nos quadros de dificuldades de leitura e escrita, torna-se necessária uma abordagem em equipe, que desenvolva um trabalho específico e adequado a cada problemática, podendo incluir psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos e orientadores educacionais. Cada tipo de dislexia exige práticas terapêuticas específicas (MACHADO, PARENTE e SALLES, 2004).

Os dados obtidos nesta oitava questão não apresentaram mudanças significativas quando comparados entre os dois grupos submetidos ao questionamento, mostrando com mais de 50% da amostra que os professores do ensino fundamental I consideram-se medianos quanto ao seu nível de informações sobre a dislexia.

Tavares (2008) concluiu em seu trabalho que há muitos professores despreparados e/ ou desatentos, que desperdiçam momentos ricos e únicos nas experiências vividas com as crianças, não explorando os aspectos afetivos, psicomotores, cognitivos e sócio-culturais, naturalmente presentes no cotidiano escolar. Deduz ainda que se faça necessária uma maior orientação, capacitação e até, mesmo uma reflexão do professor sobre a qualidade de seu

trabalho, de seus conceitos pedagógicos e de sua percepção como mediador do processo de avaliação.

CONCLUSÕES

Os resultados apresentados apontam uma discrepância entre as respostas obtidas nas cidades do Sertão e na cidade de Campina Grande, entretanto apesar das divergências, principalmente em algumas questões, ambos os grupos de modo geral apresentaram percepções semelhantes com relação ao ensino aos portadores da Dislexia.

Assim, uma vez que aguçada a busca pelo conhecimento científico cabe a escola desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, sem discriminações, orientado para a inclusão e não somente atribuir o nível de aprendizagem a classe social, por exemplo. Assim o conhecimento adquirido pelos profissionais que fazem parte da equipe escolar e em especial os professores irá influenciar em sua prática pedagógica e sua atitude face à criança com Dislexia.

REFERÊNCIAS

1. ARTIGAS-PALLARÉS J. **Dislexia: enfermidade, transtorno o algo distinto**. Rev neurol; 42(supl2): s63-s69. 2009.
2. ESTRELA, M. F. C. P. **A inter-relação dislexia e formação de professores**. Dissertação (mestrado em ciências da educação). Escola superior de educação de paula frassinetti. 2009.
3. FAWCETT, A. J. e NICOLSON, R. I. **Performance of dyslexic children on cerebellar and cognitive test**. Journal of motor behavior, v.37, n.1, p.68-78. 1999.
4. FORTUNA, T. R. **Formando professores na universidade para brincar**. A ludicidade como ciência. Petrópolis: vozes, 2001.
5. MACHADO, S. S. PARRENTE, M. A. M. P. SALLES, J. F. **As dislexias de desenvolvimento: aspectos neuropsicológicos e cognitivos**. Interações V.9 n.17 São Paulo, 2004.
6. RAMUS, F. **A neurological modelo of dyslexia and other domain-specific developmental disorders with na associated sensorimotor syndrome**. In g. d. rosen (ed.), the dyslexia brain: new pathways in neuroscience discovery, mahwah, nj: lawrence erlbaum associates, 75-101. 2006.
7. RICHART, M. B. **Detecção dos sintomas da dislexia e contribuições pedagógicas no aspecto ensino aprendizagem para alunos do ciclo 1º do ensino fundamental**. Lins – São Paulo, 2009.
8. STERN, A. C. B. **As barreiras encontradas pelo disléxico no ensino regular**. (Monografia). Universidade Presbiteriana Mackenzie – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Paulo, 2010.
9. TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais dislexia e TDAH**. (Monografia). Faculdade de Medicina do ABC – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, 2008.
10. TITONI, C. C. S. **Dislexia na educação escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico**. (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2010.
11. ZORZI, J. L. **Dislexia**. Fonotrade. Publicado em 21 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.fonotrade.com.br/page/entrevista.pdf>> acessado em: 26 Outubro. 2010.